

Amor, ódio, ignorância: Desafios na direção da cura

Estimamos que ao considerar os desafios na direção da cura, não é possível desviar as paixões que a constituem e que ocorrem no campo da transferência, afetando tanto o analista quanto o analisante com suas diferenças, colocando assim em tensão a relação entre neutralidade e abstinência. O desejo do analista encontra o Sujeito Suposto Saber, dando conta de uma função que emerge potencialmente em cada nova análise. Somente quando o SSS é interceptado pelo desejo do analista, um encontro transferencial pode evitar se tornar selvagem, mesmo quando as paixões são introduzidas na transferência como um desafio, oferecendo assim a oportunidade para o analista mudar de posição. Tornar-se o suporte da análise implica em incorporar o "a" como separador e agir conforme o desejo de um sujeito que o sustenta, com as implicações transferenciais decorrentes disso. Trata-se de uma função que opera, o que não implica que o analista saiba como operar. É, em todo caso, um saber desconhecido que possibilita os incidentes. Se não há ato analítico – isso não significa que não haja tratamento – se não há ato analítico, a análise falha.

A noção de "pathema" de Lacan responde ao fato de que a noção de "mathema" fecha a Real do corpo, enquanto "pathema" permite a ideia de que aprendemos apenas através e após o sofrimento, não sem passar pelo próprio corpo. O evento da linguagem que guia a cura denota o imprevisto, o imprevisível, o microtraumático em termos da perturbação causada por um encontro inesperado e inovativa com alguma dica do Real. É aí que reside a possibilidade de tornar o gozo uma função e atribuir-lhe uma estrutura lógica, o lugar da singularidade, desvinculado tanto do universal quanto do particular. Envolve se retirar da demanda do Outro, afirmando-se em uma ordem que sustenta uma dica do Real do sujeito, que, com seu "mas não isso", ergue um bastião inexpugnável. De fato, só então é possível recusar uma dimensão do impossível. Ao se abster do intercâmbio inerente ao Simbólico, o "mas não isso", ou sinthoma, permanece fora das operações que gerenciam o significado e dos deslizamentos verbais infinitos e vazios. Em outras palavras, busca manter o lugar da enunciação, reduzindo a margem efetiva do enunciado. Referimo-nos ao fundamento da análise: as vicissitudes do amor e o destino possível de cada uma das paixões em jogo, vicissitudes que Lacan nomeia de várias maneiras – Sujeito Suposto Saber, desejo do analista, semblante no discurso, sinthoma ou analista rethor – dependendo dos momentos de seu ensino –, trata-se sempre de amor, paixões e suas diferentes manifestações. Deve-se entender

que, se é análise, desfará o que a fundamenta; é um invariante, não há análise sem o desdobramento das paixões e do amor, e não há análise sem o dismantelamento desse amor, não há eficácia da análise; pode haver psicoterapia, mas para que haja análise, a paixão deve se orientar, abandonando o sofrimento que a nomeia, a fim de questionar o desejo, dando lugar a um outro gozo, o gozo do sinthoma.

Quanto ao gozo, não é a mesma coisa se referir ao gozo, ecoando repetições ecológicas de fórmulas consagradas como senhas semânticas; não é a mesma coisa do que dar ocasião – através da análise do analista – para dizer a partir do falar. É possível falar sem dizer, e o desafio encontra o analista para que seja possível distinguir o destino da paixão ao dizer algo a partir do falar. A noção de laço transferencial liga e desliga aqueles que tomam a palavra na disparidade dos lugares, afetados pela palavra, mas de maneira diferente; o parletrado recebe influência no que diz e como diz.

Os sintomas nem sempre coincidem com os motivos pelos quais alguém procura um analista; a consulta não é equivalente à análise, a consulta muitas vezes não decorre dos sintomas, mas de um desequilíbrio os mesmos. A teoria que o paciente constrói sobre seu sofrimento, os sintomas são direcionados ao analista, a adversidade, a angústia diante semsentido da vida, o luto, as perdas e os fracassos continuam sendo o que pode levar à análise, mesmo que se apresentem sob outra vestimenta. O ato analítico pertence ao analista; implica atravessar o fantasma, não construí-lo: mudar as condições de gozo grudadas ao lugar do sujeito identificado com o objeto em seu fantasma, atravessar leva o objeto "a" a se tornar a causa de seu próprio desejo e não o tampão ou a obrigação de entregá-lo devido à violência do Outro. O que se busca instalar não é o objeto, mas o efeito subjetivo que deve elaborar o luto diante da completude imaginada do Outro, como o luto pelo Outro, referindo-se à violência atribuída ao Outro. Ambas as posições na direção da cura se alternam, se combinam, se atrapalham e se tramam no campo do RSI da transferência. Agora, ao relacionar o registro imaginário dos incidentes, o analista torna-se o sintoma do que não funciona; a neurose de transferência o predispõe a se tornar o sintoma para criar as condições necessárias para do analista sinthoma, considerando que o real é contingente assim como o imaginário é possível.

Diana Voronovsky

Mayeutica Instituição Psicanalítica

